

## **CULTURA WOKE, TRABALHO E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE AVANÇOS E REFLUXOS NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>**

Thaís Regina AIELLO<sup>2</sup>

Adriana Cristina Alves do AMARAL<sup>3</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

### **RESUMO**

O presente trabalho busca problematizar o tema da diversidade e da inclusão, tendo em vista sinais de refluxo de políticas, práticas e ações de reconhecimento e empoderamento de minorias por parte das empresas – um enfraquecimento do compromisso empresarial que, se já era pontuado antes da reeleição de Donald Trump, passa a ser mais direto e explícito a partir de sua posse na presidência dos Estados Unidos. O recorte adotado neste estudo é o Woke, cultura de consciência sobre questões relacionadas às minorias, tendo como foco o trabalho feminino. Recorre-se, inicialmente, a uma revisão bibliográfica sobre Cultura Woke para, na sequência, cotejar os achados com o tratamento dado ao tema pela mídia tradicional. A interlocução teórica inclui autores como Silvia Federici, Bell Hooks, Pierre Dardot e Christian Laval, Nancy Fraser, Kimberlé Crenshaw, Roseli Figaro e Marilena Chaui.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Comunicação; Cultura Woke; trabalho; gênero; diversidade

A gestão Trump 2, iniciada em janeiro de 2025, parece evidenciar um novo estágio do capitalismo e de seus dispositivos, a exemplo da cultura do *management*. Se nos últimos 20 ou 30 anos houve espaço nas organizações empresariais para temáticas envolvendo diversidade e inclusão, bem como políticas, práticas e ações de reconhecimento e empoderamento de minorias, esse contexto dá sinais de ter entrado em uma espiral de refluxo, que já podia ser sentida mesmo antes da posse de Donald Trump em seu segundo mandato. Contudo, diante de resoluções do presidente norte-americano contrárias às temáticas de diversidade e inclusão, descortina-se o terreno para o enfraquecimento da atuação corporativa nessas áreas. No capitalismo desnudo, o discurso empresarial também se despe de pruridos, abandonando bandeiras que antes eram exaltadas como caminho para conciliar lucratividade e justiça social. As ditas minorias, que na verdade são maioria, passavam assim a fazer parte do jogo da economia neoliberal, instadas a trabalhar duro e dar tudo de si, com foco total em produtividade máxima, pois estavam recebendo apoio institucional para tanto. É possível inferir que a ascensão de forças da extrema direita e de um pensamento fundado na hegemonia branca, cisgênera e patriarcal,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Comunicação e Trabalho, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; jornalista profissional pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); Pesquisadora no Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP) e no HumanizaCom (UMESP). ORCID 0000-0002-3001-7183. Email: aiellothaisregina@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutoranda, Mestra em Comunicação Social e Jornalista pela Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisadora do Mob-Com (Umesp) e pesquisadora voluntária da Plataforma Brasileiros do Exterior. ORCID 0009-0005-0894-1934. E-mail: adrianaalvesdoamaral@gmail.com.

muitas vezes engendrado algorítmicamente, já delineavam o terreno que vem se revelando de maneira mais explícita a partir da reeleição de Trump e do modelo que o presidente dos Estados Unidos espelha e/ou tenta impor ao mundo.

O presente trabalho não tem a pretensão de estabelecer propriamente os marcos dessa mudança, mesmo porque a história está em curso, sem o distanciamento necessário para a devida análise. Intenta-se lançar luzes sobre uma mudança de discurso que vai se estabelecendo, tanto na sociedade como nas empresas, espraiando-se em um movimento que busca corroborar e justificar, intra e extramuros organizacionais, o refluxo das práticas e políticas de diversidade e inclusão, influenciando também o entendimento da sociedade acerca dessas temáticas.

A título de recorte, o presente estudo se debruça sobre o conceito WOKE, associado a uma cultura desperta e consciente para questões sociais e políticas, envolvendo minorias. Ainda que o termo tenha surgido mais aderentemente à problemática do racismo, ele atinge hoje outros grupos, a exemplo das mulheres – esse também um espectro do recorte adotado na pesquisa aqui apresentada. Recorre-se, inicialmente, a uma revisão bibliográfica sobre Cultura Woke, notadamente no que se refere ao mundo do trabalho, em geral, e ao trabalho feminino, em particular. Coteja-se, posteriormente, o estudo do tema na academia com conteúdo editorial de levantamento realizado em jornais e revistas da mídia tradicional no primeiro trimestre de 2025, de modo a refletir sobre o potencial de construção de opiniões e geração de sentidos oportunizados por essas publicações, especialmente as da chamada mídia de negócios.

Como arcabouço teórico, recorre-se a autores como Silvia Federici e Bell Hooks, com suas contribuições para temáticas ligadas a minorias e representatividade. David Harvey, Byung-Chul Han, Pierre Dardot e Christian Laval estão presentes na concepção do neoliberalismo e seu ideário. Nancy Fraser e Axel Honneth concorrem para os debates sobre redistribuição e reconhecimento, enquanto Kimberlé Crenshaw e Carla Akotirene trazem fundamentos a respeito de interseccionalidade. Entre os autores brasileiros, contribuem para as discussões Maria José Tonelli e Cristiana Trindade Ituassu, pesquisadoras da cultura do management, além de Marilena Chaui, Roseli Figaro e Cilene Victor.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidades**. São Paulo: Pólen, 2019.

CHAUI, Marilena. **A ideologia da competência**. Organizador: André Rocha. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, P. et al. **A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. São Paulo: Boitempo, 2021.

\_\_\_\_\_. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2023.

FIGARO, R., **Atividade de comunicação e e trabalho**. Revista Trabalho, Educação 8Saúde. Fiocruz, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462008000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462008000100007)

\_\_\_\_\_. **Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas**. Revista Galaxia. PUC-SP, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/35905>

\_\_\_\_\_. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008.

FRASER, Nancy. **Justiça Interrompida** – Reflexões críticas sobre a condição pós-socialista. São Paulo: Boitempo, 2022.

FRASER, NANCY. **Da redistribuição ao reconhecimento?** Dilemas da justiça numa era pós-socialista. Cadernos de campo, São Paulo, n. 14/15, p. 231-239, 2006. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50109/54229>

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: História e Implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HONNETH, A. **Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo** [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza. Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa os Tempos, 2018.

ITUASSU, C. T. e TONELLI, M. J. **Sucesso, mídia de negócios e a cultura do management no Brasil**. Cadernos EBAPE.BR [online]. 2014, v. 12, n. 1 [Acessado 1 Agosto 2021], pp. 86-111. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512014000100007>.